

## Não verás país nenhum: literatura e cultura brasileira em Ronald de Carvalho e João Cezar de Castro Rocha

Marcelo Rocha<sup>1</sup>

**Resumo:** O percurso teórico que norteia a elaboração desse artigo busca aproximar a organização de histórias da literatura desde a primeira metade do século XX, em especial o trabalho de Ronald de Carvalho, em sua *Pequena história da literatura brasileira*, de 1919, até os pressupostos orientadores da estrutura estabelecida por João Cezar de Castro Rocha, em *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*, de 2003.

**Palavras-chave:** História da literatura brasileira; representação da identidade nacional; sistema cultural; literatura e cultura brasileira.

**Resumen:** La vía teórica que direccional la elaboración de este texto busca acercarse la organización de historias de la literatura desde la primera mitad del siglo XX, especialmente el trabajo de Ronald de Carvalho, en su *Pequena história da literatura brasileira*, de 1919, hasta las proposiciones que orientan la estructura establecida por João Cezar de Castro Rocha, en *Brasil existe: pequena enciclopédia*, de 2003.

**Palabras clave:** Historia de la literatura brasileña, representación de la identidad nacional, sistema cultural, literatura e cultura brasileña.

Quando escreveu sua *Pequena história da literatura brasileira*, Ronald de Carvalho tinha pelo menos dois modelos nacionais para se fundamentar: A

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria da Literatura pela PUCRS e Coordenador do Curso de Letras da Urcamp/Alegrete.

*história da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, de 1888 e *História da literatura brasileira. De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*, de José Veríssimo, livro de 1916. Apesar da semelhança do título, os dois textos guardam propostas diferentes, uma vez que o primeiro, sofre influência da tentativa de busca por uma legitimação teórica, a fim de comprovar a existência de uma literatura nacional, enquanto o segundo volta-se sobretudo à literatura como representação artística autônoma.

É necessário ressaltar, contudo, que a *História da Literatura* de Sílvio Romero tem uma pré-história, isto é, não poderia se realizar se não fora o trabalho de seus predecessores românticos, especialmente, Gonçalves de Magalhães, Joaquim Norberto de Sousa e Silva e Francisco Adolfo de Varnhagem cuja busca e sistematização de obras e autores, facilitou a pesquisa empreendida por Romero.

Embora destoando da vertente romântica – para quem os valores naturais brasileiros constituíam a característica diferencial de nossa literatura – Romero volta-se para a questão da raça, entendendo a mestiçagem como fator precípuo para a interpretação de nossa tão investigada identidade nacional.

De modo geral, o estudo sistemático da história da literatura brasileira, proposto por Romero, ainda que siga uma trajetória determinista, própria de seu tempo, estabelece a organização de um cânone, legitimado por aportes teóricos aos quais ele se filia e sustentado pela busca de peculiaridades nacionais que aproximem o texto ficcional de uma idéia de cultura brasileira.

Na sua *História da literatura brasileira*<sup>2</sup>, José Veríssimo entende apenas dois períodos como representativos para uma elaboração sistematizadora da nossa literatura, que seriam: o colonial e o nacional. Para o autor, a dependência artística da colônia em relação à produção lusitana não permitiria subdivisões relativas a um período de desenvolvimento autônomo. Com efeito, a nossa separação política dos portugueses, no final do século XIX, inauguraria o período nacional tendo no Romantismo a sua mais completa

---

<sup>2</sup> VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

expressão e, estendendo-se até o início do século XX, numa trajetória que acaba por se revelar de caráter ascensional .

Na concepção de Veríssimo, a figura mais relevante na literatura brasileira, ou ainda, o escritor que seria “a mais alta expressão do nosso gênio literário” é Machado de Assis. Centrando-se na individualidade criadora, Veríssimo eleva Machado à qualidade de “herói” de sua História da Literatura.

Por fim, tanto Romero, quanto Veríssimo ficaram atrelados ao elo condutor que eles mesmos escolheram, buscando dentro de análises substancialistas um retrato ideal da literatura brasileira. Essa imagem, contudo, além de focalizar, ao gosto do observador, parcialmente, ora a cultura brasileira, ora a arte literária se esquece, no final, de examinar a moldura, comprometendo - o que sabemos, evidentemente, só após um confortável distanciamento temporal - a perspectiva.

Outro historiador da literatura importante, o intelectual e poeta Ronald de Carvalho, autor da *Pequena história da literatura brasileira*<sup>3</sup>, de 1919, também se aventurou no sinuoso percurso da historiografia nacional, na busca de representações do Brasil, através da articulação entre cultura e literatura. Colaborador de vários jornais no país e no exterior tornou-se um dos diretores da revista *Orpheu*, de Portugal, que ficou célebre como marco do Modernismo em terras lusitanas.

No caso específico da *Pequena história da literatura brasileira* , de 1919, Ronald de Carvalho parece já, desde o início, comprometido em incorporar um ideal nacionalista, desvinculando-se do mito das origens relacionado à literatura informativa do século XVI. A descrição mítica da cidade de Atlântida e sua aproximação das terras brasileiras surgem no texto, a partir do exame das descobertas portuguesas como “a mais deliciosa das realidades que sorria aos olhos deslumbrados dos velhos navegadores europeus” (p.18). Assim, esse contexto que se lhes afiguraria expressava a materialização para os colonizadores do paraíso edênico que seriam as terras brasileiras.

---

<sup>3</sup> CARVALHO, Ronald. *Pequena História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1958.

Destacando três fases fundamentais na sua historiografia literária, Ronald aproxima-se mais da divisão elaborada por Sílvio Romero. O autor sugere ser inoportuna a eleição do paradigma europeu instando a uma perspectiva, bem como determinando os rumos da arte e da sociedade brasileira. Talvez por essa razão os períodos por ele divididos em sua história da literatura sejam : o de formação (1500-1750), o de transformação (1750-1830) e o autonômico (1830-1925).

Afiliando-se ao “mito das origens”, o sentimento brasileiro, para Ronald de Carvalho, enceta no aparecimento do poeta Gregório de Matos Guerra. Dedicando 24 páginas ao poeta baiano, Ronald mostra um Gregório múltiplo, cindido entre sua dimensão existencial e as várias facetas de sua obra (satírica, moralista e lírica). Influenciado em suas poesias satíricas e morais por Quevedo e nas alegóricas por Gôngora e Marini, Ronald apressa-se em redargüir que as predileções literárias de Gregório não elidiram sua personalidade e que esse “não se restringiu aos arremedos mais ou menos felizes” ou ainda “às paráfrases medíocres” (p. 117).

Passando pelo período de transformação que abre com aquele que seria “o mais perfeito e melhor poema aparecido no Brasil em todo o período colonial”: o *Uraguai*, Ronald de Carvalho surpreende ao deixar de lado a obra romanesca de Machado de Assis. O escritor carioca, tão incensado por José Veríssimo, aparece timidamente como dono de ritmos variados e caprichosos cuja poesia teria sido, até então, injustamente julgada. No entanto, Ronald não amplia a discussão a respeito dos poemas de Machado, uma vez que menciona apenas dois deles (*Ocidentais* e *Soneto de Natal*) sem deter-se em análises profundas. Diferente é o tratamento dado a Mário Pederneiras, também poeta do final do século XIX e, igualmente, referido como tendo sua obra mal julgada, mas com o qual Ronald de Carvalho reserva-lhe os atributos de “o mais pessoal, o mais humano e o mais duradouro” dos poetas de seu tempo, além de lhe destinar o dobro de páginas em comparação às conferidas a Machado.

As classificações ordenadas por Ronald de Carvalho seguem, portanto, argumentos vinculados às exigências lógicas e estéticas da História da Literatura que o autor entende como seu modelo. Aproximando a concepção de literatura a aspectos culturais e relativos à formação da sociedade brasileira, o autor filia-se à tradição, seguindo a trilha percorrida por Sílvio Romero. Contudo, diferentemente de seu predecessor, Ronald não elege a raça como fator precípua para a constituição da civilização brasileira, ao menos no sentido proposto por Taine, mas o momento histórico, determinando prioridade a uma criação estética coadunada a um tempo presente.

Muitas Histórias da Literatura e da cultura brasileira separam o texto de Ronald de Carvalho dessa também denominada pequena enciclopédia *Nenhum Brasil existe*<sup>4</sup>, organizada por João Cezar de Castro Rocha. No entanto, a despeito da distância de oitenta e dois anos e das diferenças teóricas e metodológicas que nortearam as duas obras, ambos os trabalhos amparam-se numa relação que pode ser considerada comum: a articulação de textos e contextos na incidência de retratos do Brasil.

O paradoxo apresentado por João Cezar de Castro Rocha, já na introdução dessa pequena enciclopédia, revela a perspectiva sobre um país cujo signo, de tão pleno de sentido, impede uma apreensão global mediante uma simples operação hermenêutica. Desse modo, é inevitável observar que o objeto referencial, na complexidade de sua plenitude, desde o início, frustra o intento de uma abordagem literária e cultural substancialista, uma vez que qualquer tentativa de tradução do “Brasil” nada mais faz do que salientar uma incontornável insuficiência da linguagem.

Editado originalmente em inglês, *Nenhum Brasil existe* foi lançado na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, em abril de 2001, em celebração aos 500 anos de Descobrimento e com 23 ensaios a menos do que a versão atual. A iniciativa desse volume de olhares acerca da história literária e cultural do país, tendo sempre em vista o paradoxo inicial, parece obedecer a dois

---

<sup>4</sup> ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Nenhum Brasil existe*. Pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

pressupostos: o primeiro apresentar o Brasil ao público de língua inglesa e, o segundo, por conseguinte, (re) descobrir o Brasil a partir de perspectivas plurais e distintas de imagens de retratos de identidades nacionais.

A construção discursiva de histórias nacionais engendra mais exclusões que inclusões. Desse modo, transitando por uma oscilação vocabular ou por uma indeterminação conceitual, como refere Homi Bhabha<sup>5</sup>, a nação escapa da determinação de um local unificado da cultura. Em vista disso, é inevitável a presença do "outro" num discurso que se pretende homogêneo e, também por essa razão, transita a justificativa da recorrente metáfora da antropofagia como representação da cultura brasileira. É através desse "outro", digerido e assumido como próprio que, em parte, nos revelamos, conforme salienta João Cezar de Castro Rocha, já na introdução de *Nenhum Brasil existe*.

Como não é revestido de uma referência estável, o Brasil acaba sendo descrito especialmente pelo que não foi. Assim, se por um lado não somos igualitários, modernos, desenvolvidos, por outro seremos de primeiro mundo pois guardamos o vaticínio irrevogável e designativo de "país do futuro". Em síntese: estamos no entre-lugar, daquilo que deixamos de ser e do que seremos.

Se a grande estrela da História da Literatura de Ronald de Carvalho era Gregório de Matos Guerra, a figura principal desse volume de ensaios sobre a formação da cultura brasileira é a do sociólogo Gilberto Freyre. Essa escolha, com efeito, não é por acaso e se justifica, igualmente, pela influência no exterior da obra do teórico pernambucano. Elidindo os efeitos negativos da miscigenação, Freyre alterou a maneira como era percebida a questão da mestiçagem entendendo contribuição de índios e negros como primordial para nossa constituição étnica, além de fator produtivo no âmbito da nossa cultura.

Com efeito, um dos retratos do Brasil e que integra essa rede de significações que compõe a nação é o da exclusão social. Da "teologia negativa", apresentada por Rocha, o analfabetismo tem coadunação direta às invenções de um Brasil derivada dos meios de comunicação.

---

<sup>5</sup> BHABHA. Homi. Introduction: Narrating the Nation. *Nation and Narration*. London and New York: Routledge, 1990.

A falta de projetos de políticas públicas educacionais que atendam à população pode ser entendida como um dos fatores que transformou a oralidade e, por consequência o elemento audiovisual -que confere a diferença essencial entre *Nenhum Brasil existe* e outras Histórias da Literatura tradicionais- numa das formas mais importantes de expressão na medida em que preserva e/ou renova o legado cultural que ajuda a construir a nação.

Dessa maneira, a inclusão na estrutura da obra, de uma seção denominada “audiovisual” dá relevo a um aspecto não-raramente esquecido das histórias da formação social e da cultura brasileira. As redes de televisão são mencionadas, por exemplo, como sendo o elemento de coesão mais forte da nossa sociedade cujo um dos papéis principais é a valorização da identidade nacional. Curioso é perceber que o Brasil que não passa na televisão não existe, mas, paradoxalmente, o Brasil que aparece na tela também não.

Seria inútil estabelecer aqui um jogo de diferenças principais entre duas tentativas de entender o Brasil seja por interpretações culturais, seja por relações com a sociedade, entre dois textos cuja distância temporal perfaz quase um século.

No entanto, o que se deve levar em conta é o percurso epistemológico em busca das origens de determinadas hermenêuticas e às teorias e ideologias as quais elas estão vinculadas. Sabe-se que partidarismos e simplificações são comuns em histórias da literatura e que o desejo exerce papel fundamental na configuração desses textos. Por outro lado, sabemos que são insondáveis as buscas por uma possível intencionalidade do autor em determinado texto, contudo, alguns indícios são imperiosos e reveladores.

Assim, uma História da Literatura que sonega a importância da “pena da galhofa” dos romances machadianos, especialmente *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, guarda a intencionalidade de elidir a perspectiva sarcástica e corrosiva em relação a uma civilização brasileira que se afigurava aos olhos do historiador como portadora de um alvissareiro futuro.

Do mesmo modo, um extenso volume de ensaios que surgem no sentido de representar o país em seus quinhentos anos, escrito inicialmente em inglês e

que procura fugir do relicário nacional geralmente mencionado também responde a um desejo subjacente. Aparece, na unidade do conjunto de ensaios de *Nenhum Brasil existe*, portanto, um Brasil integrado a uma cultura global e inserido nas relações daquilo que lhe é próprio e o que se lhe apresenta como alheio, tomando a antropofagia como atitude cultural singular.

No final das contas, a admissão da inviabilidade de uma abordagem essencialista soa com sinceridade e essa é, de fato, a impressão que fica. O sentimento de frustração, no entanto, não se faz presente só no aspecto da insuficiência da linguagem, mas excede o elemento textual e dormita à margem dele. O desconsolo engendrado por essas Histórias da Literatura de Ronald de Carvalho até João Cezar de Castro Rocha é que, apesar da distância, esses textos continuam sendo escritos movidos pela intenção de representar uma coletividade e não conseguem, por fim, esconder a posição privilegiada de um paradigma hegemônico cultural que mascara o rosto de um Brasil que subsiste.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi. Introduction: Narrating the Nation. *Nation and Narration*. London and New York: Routledge, 1990.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Quase mito. In: Freyre, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49ed. São Paulo: Global, 2004.
- CARVALHO, Ronald. *Pequena História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1958.
- FURET, François. Da história-narrativa à história-problema. In: \_\_\_\_\_. *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, s.d..p. 81-98.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49ed. São Paulo: Global, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- PERKINS, David. História da literatura e narração. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v.3, n. 1, mar. 1999. Série Traduções.
- ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Nenhum Brasil existe*. Pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.



**SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 19**

VENTURA, Roberto. *Casa-Grande & Senzala*- crítica e interpretação. São Paulo: Publifolha, 2000.

VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

ZILBERMAN, Regina. Entre duas histórias: de Sílvio Romero a José Veríssimo. In: ROCHA, José Cezar de Castro (org.). *Nenhum Brasil existe*. Pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p.873-881.